

# HEIDEGGER E A TAREFA DE UMA INTRODUÇÃO À FILOSOFIA?

*HEIDEGGER AND THE TASK OF AN INTRODUCTION TO PHILOSOPHY?*

João Francisco Cocaro Ribeiro 

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Santo Ângelo, RS, Brasil e Faculdades EST, São Leopoldo, RS, Brasil, joao-cocaro@hotmail.com

DOI: <http://dx.doi.org/10.31512/missioneira.v31i1.221>

Recebido em: 10/06/2019

Aceito em: 29/06/2020

**Resumo:** Esta investigação tem como objetivo primaz empreender uma introdução à filosofia, se é que é possível. Por objetivo secundário, compreender o entendimento de Heidegger acerca da filosofia e da ciência por meio de suas principais obras, conferências e ensaios filosóficos. O objeto do presente artigo é o ser-aí como tal. Em outras palavras, a questão do ser e suas inúmeras possibilidades. O método para tratar esta investigação é fenomenológico.

**Palavras-chave:** Introdução. Filosofia. Heidegger. Ciência. História.

**Abstract:** This research aims primarily at introducing an introduction to philosophy, if at all possible. Secondly, to understand Heidegger's understanding of philosophy and science through his major works, conferences, and philosophical essays. The object of this article is to be-there as such. In other words, the question of being and its innumerable possibilities. The method for treating this research is phenomenological.

**Keywords:** Introduction. Philosophy. Heidegger. Science. History.

## 1 Considerações iniciais

De início, surge uma questão fulcral cujo questionamento incorpora o título desta investigação: é possível empreender uma introdução à filosofia?

Pois bem. A intenção de uma tarefa introdutória à filosofia já pressupõe estar “fora” dela. De caráter fenomenológico, toda investigação deve percorrer um caminho. Para tanto, este caminho deve, obrigatoriamente, possuir um propósito, vale dizer, uma meta e um ponto de partida. O ponto de partida carece da seguinte questão e, posteriormente, de sua resposta: o que significa, afinal, a filosofia?

A partir da resposta dessa questão, outras questões da mesma natureza surgirão ao trilhar e iluminar do caminho do conhecimento (ser-clareira<sup>1</sup>). O presente texto tem como

1 Do alemão, *Lichtung-sein* significa ser-clareia, ser-aberto (*Erschlossenheit*). A tradução do substantivo *Lichtung* é clareia; a tradução do verbo *sein* é ser.



objetivo geral trabalhar as nuances e as exigências desse caminho a fim de que a tese seja explicada.

Para Heidegger, a tarefa de empreender uma introdução à filosofia apenas como conhecimento historiográfico<sup>2</sup>, ou seja, uma visão panorâmica e etimológica da filosofia, fracassa!

Em suma, será trabalhada, precipuamente, a questão do ser e da filosofia hermenêutica que, de antemão, colocam-se a partir da pergunta pelo real significado da filosofia. Sendo assim, a investigação percorrerá os seguintes estágios: 1. O que é isto, afinal, a filosofia? 2. Ciência e visão de mundo.

## 2 O que é isto, afinal, a filosofia?

De pronto, filosofia é uma possibilidade finita de um ente finito. O termo *φιλοσοφία*, significa “filosofia” e designa, inicialmente, sabedoria e amor, ou, como desde há muito conhecido: amor à sabedoria. Sabedoria, para os gregos, é compreender algo de modo profundo. É tudo aquilo que pode ser compreendido e realizado. Esse compreender, entretanto, não está simplesmente aí. Noutros termos, o compreender<sup>3</sup> carece de esforço e é dificultoso. A luta pela compreensão é o amor inerente àquele que conhece.

A filosofia é um movimento circular e não linear, segue-se daí a noção de circularidade hermenêutica. Esta circularidade propicia para que os problemas filosóficos já respondidos retornem novamente para uma nova definição. Sendo assim, uma questão antiga é sempre uma questão nova em virtude do dinamismo da vida. Os problemas filosóficos não se aquietam ante as suas definições e respostas, todavia, trazem uma inquietude para o ser-aí.

Isto ocorre porque não existe verdade na filosofia, Nietzsche (2014) sabia muito bem disso. O próprio Derrida (1971) o sabia ao criticar Gadamer. Não existe verdade no sentido de que o filósofo não é capaz de produzir *verdades absolutas*. Talvez, a única verdade absoluta que a filosofia pode produzir, independentemente de condições temporais, é: *Ser* é sempre ser-para-a-morte. A questão do Ser não pode ser respondida, caso isso fosse possível não haveria razão para filosofar ou existir filosofia. Responder à pergunta pelo sentido de Ser é sempre uma tarefa in-completa. Nesse sentido, a questão do Ser pode apenas ser pensada. O conceito de Ser é um elemento operário no qual o filósofo trabalha. Sendo assim, surgem as seguintes

2 Nas palavras de Márcia Sá Cavalcante, Heidegger distingue dois termos em alemão para diferenciar a história: *Historie* e *Geschichte*. O primeiro indica o conceito ôntico de história que abarca os acontecimentos realizados sobre o horizonte do tempo passado, não possuindo relação de temporalidade com o ser-aí (historiografia). O segundo termo designa a história a partir da dinâmica da realização existencial, isto é, de sua temporalização do tempo (HEIDEGGER, 2015, p. 472).

3 Os termos alemães utilizados por Heidegger que correspondem ao compreender são: *verstehen* (compreender) e *Verständnis* (compreensão).

questões: aquilo que Kant escreveu na obra *Kritik der reinen Vernunft*<sup>4</sup> é verdade? Não. Mas, e o que Hegel escreveu na sua *Phänomenologie des Geistes*<sup>5</sup> é verdade? Também não, é apenas uma exposição erudita competente. Cada filósofo escreve no seu tempo e desenvolve problemas filosóficos por meio do quadro referencial teórico que dispõe, isto é, da ferramenta (*Werkzeug*) que dispõe para pensar (PUNTEL, 2008). Neste sentido, Heidegger (2012) explica que todo filósofo é um sofista, não no sentido depreciativo do termo. Na filosofia uma questão antiga é sempre uma questão nova em virtude do dinamismo da vida. Filosofar não significa, por fim, outra coisa senão ser iniciante. Resulta disso, de que nada adianta o apego emocional por determinado autor. No livro *Geschicht der Philosophie von Thomas von Aquin bis Kant*, escrito em 1926-1927 concomitantemente com *Ser e Tempo*, Heidegger escreve:

Compreender a partir da Idade Média – isso não significa, porém, explicar ou deduzir a partir dela. Não negar a produtividade, ao contrário: primeiramente o horizonte em cujo plano de fundo se pode propriamente vê-la – não apenas na perspectiva do novo, mas porque os novos questionamentos não alcançam a meta: unicamente porque eram muito velhos em sentido inautêntico. O velho não superado filosoficamente, isto é, compreendido a partir de seu fundamento. Que o protestantismo do espírito pensante – isto é, da nova visão, não era suficientemente radical; em que sentido ele não o era, porque [ele] não o podia ser e é por isso que a filosofia moderna fracassou em sua problemática. Esse questionamento não leva a uma história dos erros, mas, ao contrário, leva aos problemas centrais que mantêm viva a filosofia científica do Ocidente desde a Antiguidade. Desaparece o aspecto da história filosofia conhecido pelo leigo, uma barafunda de opiniões, que apenas proferidas já são contestadas e superadas, e por mais nítida que seja a contraposição entre Tomás e Kant, por exemplo, instaura-se uma continuidade nos problemas fundamentais (HEIDEGGER, 2009, p. 7).

Mas, por que a tarefa de empreender uma introdução à filosofia apenas como conhecimento historiográfico fracassa?

Para responder essa questão invoco Heidegger pela caneta de Hommerding (2016, p. 13), “não há como fazer filosofia desde um lugar exterior”. E, também, segundo o filósofo Ernildo Jacob Stein (2004, p. 13), “filosofamos num movimento que vem de dentro e que, portanto, a entrada na Filosofia se faz desde a interioridade”.

Para Heidegger, o filósofo da Floresta Negra, o ser-aí humano não está “fora” da filosofia. Isso significa: a filosofia já reside no ser-aí como tal., ela é um modo de ser.

Mesmo que não saibamos expressamente nada sobre filosofia, já estamos na filosofia porque a filosofia está em nós e nos pertence; e, em verdade, no sentido de que já sempre filosofamos. Filosofamos mesmo quando não sabemos nada sobre isso, mesmo que não “façamos filosofia”. Não filosofamos apenas vez por outra, mas de modo constante e necessário porquanto existimos como homens. Ser-aí como homem significa filosofar (HEIDEGGER, 2009, p. 3).

4 Crítica da Razão Pura.

5 Fenomenologia do Espírito.

Diante disso, cabe, aqui, uma problematização. A questão é: se o ser-homem não está “fora” da filosofia, o que Heidegger quer dizer com a expressão “introdução à filosofia”? O que significa introdução? O que significa, pois, introduzir?

Em resposta, o termo “introdução” pode ser substituído, sem alteração de sentido, pela expressão “convite”. Convite à participação na vida filosófica; convite à filosofia hermenêutica. Introduzir significa deixar acontecer, isto é, pôr a filosofia em curso. A filosofia “dorme” no ser do ente na totalidade; despertar essa condição de possibilidade é a verdadeira tarefa e diretriz de uma introdução à filosofia. Filosofar é descobrir e experimentar uma mudança, uma transparência familiar com a totalidade. Introduzir a filosofia é incorporar, ingenuamente, o ser-aí como tal na filosofia. A filosofia é, nas palavras de Miguel Reale, ilustre filósofo brasileiro que inclusive orientou o professor Stein (1998, p. 8), “uma atividade perene do espírito ditada pelo desejo de renovar sempre a universalidade de certos problemas, desde já sempre está no homem e é um existencial, a história e a historicidade lhe são inerentes”.

Filosofar, para Heidegger, é agir em meio à liberdade. No próprio ser-aí a filosofia acontece, vale dizer, nas diversas possibilidades e perspectivas do ser que é no mundo, ser-no-mundo (*In-der-Welt-sein*). Cabe ressaltar que essas possibilidades são determinadas no imediato, por exemplo, a decisão, o querer, o fazer, o omitir.

Viver, no instante, a vertigem da liberdade do ser-aí é decidir. Decidir é uma tarefa interna que o ser-aí reserva para si no todo de sua existência. Essa tarefa interna toma o nome de profissão (*Berufen*). Rigorosamente, profissão não significa a alocação de uma posição social de trabalho ou produção. Profissão ou vocação profissional, como traduzido e sugerido por Marco Antonio Casanova, significa o chamado que o ser confere ao ente na sua totalidade existencial.

No que se refere o ser-com-o-outro (*Miteinandersein*), a vocação profissional estabelece um compromisso com o outro. Este compromisso confere um liame ao ser-aí denominado liderança. Mas, o que significa o termo liderança? É uma influência de chefia e superioridade moral sobre os outros indivíduos? Nas palavras do próprio autor (2009, p. 7), “liderança é o comprometimento com uma existência que, em certa medida, compreende de maneira mais originária, global e definitiva as possibilidades do ser-aí humano, devendo, a partir dessa compreensão, funcionar como modelo”.

Entrementes, liderança é dispor de possibilidades mais elevadas da existência de maneira discreta e exemplar. Aquilo que confere tal possibilidade elevada é a ciência, é a superação do pensamento calculador para o pensamento meditativo. Aquilo que subjaz no fenômeno da liderança denomina-se visão de mundo, como se tratará no estágio a seguir.

### 3 Ciência e visão de mundo

De introdução ao segundo estágio desta investigação, já que o significado da filosofia foi conquistado, pode-se partir para a questão da ciência e da visão de mundo. As perguntas inerentes e que norteiam este estágio são as seguintes: o que significa ciência? A filosofia é uma ciência particular? O que é visão de mundo?

Em resposta a primeira pergunta, ciência é a paixão pelo perguntar, é o entusiasmo do descobrir. Como diria Nietzsche, “não, três vezes não!”. A filosofia não é uma ciência. Para o filósofo e hermeneuta alemão (2009, p. 17), “a filosofia não pode ser submetida ao conceito de ciência como um gênero superior. Não podemos dizer que a filosofia é uma ciência como dizemos com razão: o vermelho é uma cor, o verde é uma cor ou a física é uma ciência, a filologia é uma ciência”.

Sobremaneira, a filosofia não é uma ciência, não no sentido da falta de cientificidade ou não, cabe dizer, não-científica ou acientífica por falta ou carência de normas e métodos da ciência. A filosofia precisa ser determinada a partir de si mesma. No entanto, como a filosofia é originária, pode-se designá-la como “ciência absoluta”, vez que toda e qualquer ciência possui sua origem na própria filosofia. O que se pode auferir não é que a filosofia é uma ciência, mas, sim, o seguinte: filosofia é a origem da ciência; o que a ciência é, em parte, reside, pois, na filosofia.

Isto posto, na Antiguidade, as ciências como a matemática e a medicina foram denominadas por “filosofias”. Aristóteles denominou-as de filosofia primeira em sentido originário. Há, na filosofia antiga, a tendência de determinar as ciências como filosofias. Por outro lado, na Modernidade, encontra-se a tendência de determinar a própria filosofia como ciência. Em virtude dessa tendência moderna, Descartes é criticado por Heidegger e, posteriormente, por Hans-Georg Gadamer.

A filosofia é grega como modo de pensar e exprimir pensamentos, é “aspiração ao conhecimento racional, lógico e sistemático da realidade natural e humana, da origem e causas do mundo e de suas transformações, da origem e causa das ações humanas e do próprio pensamento (CHAUI, 1998, p. 20-21).

A ciência como tal é uma possibilidade essencial da existência humana, ela é finita e possui limites. O grande problema das ciências particulares, como exemplo, a física, a química, a biologia etcetera., é não se questionar pelo sentido que a ciência se encontra na existência humana.

Dessarte, a ciência existe onde há institutos que, com a ajuda de instrumentos técnicos, realizam investigações. Ciência é pesquisar a verdade, o verdadeiramente ente. Fazer ciência,

para o autor, é fenomenologia, é já o exercício de uma ontologia. É perguntar, incessantemente, por que os fenômenos são como são? Conforme Heidegger (2009, p. 45),

O pesquisar não é um querer conhecer de um tipo qualquer tampouco um querer conhecer relativo a objetos quaisquer. Ao contrário, ele é um conhecer investigador que procede metódica e sistematicamente na esfera de uma ordenação de perguntas delimitadas de modo determinado e visa antes de tudo a um conhecimento que deve ser demonstrado com a maior exatidão e elaboração em termos universalmente válidos.

A filosofia é o limite da ciência, pois ela deve à filosofia a sua possibilidade interna. A filosofia acha-se à base de toda ciência, mas ela não se reduz à ciência. O que existe é uma filosofia que originou a ciência e, por esse singelo motivo, não pode ser determinada por uma ciência.

No tocante à visão de mundo, esta é uma questão deveras complexa e plurissignificante que transpõe a intenção desta investigação. Por esse motivo será tomada uma compreensão não exaustiva a respeito da visão de mundo. Por exposição, a visão de mundo reside na possibilidade interna da filosofia, logo, a ciência só é possível em virtude de uma determinada visão de mundo. Visão não significa um ato de intuição ou uma faculdade de ver as coisas; visão de mundo é, para Heidegger, tomada de posição por uma convicção própria. Há mais: essa convicção é a força fundamental que movimenta o agir e o ser-aí na decisão.

A fim de elucidar a polissemia da palavra mundo: mundo é um conceito ôntico, significa a totalidade dos entes que se podem simplesmente dar dentro do mundo; mundo é um termo ontológico e significa o ser dos entes que se podem simplesmente dar dentro do mundo; mundo designa, por fim, o conceito existencial-ontológico da *mundanidade*, “mundo” (empregado com aspas) designa o âmbito que sempre abarca uma multiplicidade de ente.

A visão de mundo é a possibilidade livre do ser do ente na totalidade de decidir frente as inúmeras possibilidades proporcionadas pelo mundo.

#### 4 Conclusão

Por fim, com os resultados desta investigação conclui-se o seguinte: filosofar é filosofar e nada além disso. O filosofar é um modo de ser. O ser-aí nunca se encontra “fora” da filosofia, mas, por assim dizer, é a própria filosofia que pertence ao ser-aí. A filosofia não é uma disciplina, é um autoconhecer, um autocompreender. É um modo, o tipo fundamental do comportamento. A filosofia, penso eu, é o espelho do ser.

Para despertar livremente o filosofar necessita-se de uma pré-compreensão da filosofia. Entretanto, ater-se à história geral é apenas uma das possibilidades para libertar o filosofar. Não se pode, e, aqui, Heidegger escreve em oposição a Descartes, querer conformar a filosofia a partir de uma recusa completa da tradição histórica. Mas, ressalta-se que, a aquisição de

conhecimentos historiográficos, vale dizer, visões panorâmicas e etimológicas não bastam para alcançar o filosofar.

Na conferência de 1928-1929 em Freiburg, ao qual se retrata a obra *Introdução à Filosofia*, uma singela mensagem é legada por Heidegger à comunidade humana; conhecimentos historiográficos e títulos acadêmicos, por assim dizer, não significam de nada se não sabemos viver a caminhada existencial, por apelido, vida.

## Referências

CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. 10. ed. São Paulo: Ática, 1998.

DERRIDA, Jacques. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das Ciências Humanas. In: *A Escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

HEIDEGGER, Martin. *Introdução à filosofia*. Tradução Marco Antonio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HEIDEGGER, Martin. *História da filosofia: de Tomás de Aquino a Kant*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2009.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Tradução Márcia Sá Cavalcante. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche*. 2. ed. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

HEIDEGGER, Martin. *Platão: o sofista*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

HOMMERDING, Adalberto Narciso. *A índole filosófica do direito*. Florianópolis: Empório do Direito Academia, 2016.

PUNTEL, Lorenz B. *Estrutura e ser: um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática*. Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo: Unisinos, 2008.

REALE, Miguel. *Filosofia do Direito*. 18. ed. São Paulo: Saraiva, 1998.

STEIN, Ernildo. *Exercícios de fenomenologia: limites de um paradigma*. 8. ed. Ijuí: Unijuí, 2004.